



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) -  
CNPq/UFS

**PROJETO DE PESQUISA:**

**Idade Média e teoria Contemporânea: os estudos de Gênero  
nas dissertações e teses de História medieval nas  
Universidades brasileiras (2000-2015)**

**PLANO DE TRABALHO:**

**Análise da utilização da categoria gênero nas dissertações  
inventariadas (2000-2015)**

Área de Concentração: História / História Antiga e Medieval  
Código CNPq: 1404

Bolsista: Cassiano Celestino de Jesus  
Nº Matrícula: 201120005422

Orientador (a): Bruno Gonçalves Alvaro  
Departamento de História - DHI

Relatório Final  
Agosto de 2016 – Julho 2017

São Cristóvão  
Julho de 2017

## RESUMO

Em nossa pesquisa, realizamos um debate historiográfico e teórico acerca da perspectiva do gênero nos estudos sobre o medieval. As reflexões foram realizadas a partir da análise das dissertações de alguns/as medievalistas brasileiros/as que tem desenvolvido trabalhos fundamentados nesse arcabouço teórico entre os anos de 2000 a 2015. Além de realizar um levantamento quantitativo de tais trabalhos, buscamos, sobretudo, compreender os caminhos seguidos por estes/as historiadores/as no que se refere às questões de gênero e perceber sob quais autores/as estão ancoradas as suas pesquisas nos últimos anos. Além disso, questionamos a possibilidade de se pensar o Gênero no Medieval, a partir de outros postulados, e de outras abordagens diferentes daquelas apresentadas pelos/as medievalistas estudados/as. A ideia é apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idade Média; Gênero; Historiografia.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>03</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>04</b>
<b>2.1. Apontamentos sobre a análise historiográfica: o uso da categoria gênero nas dissertações inventariadas .....</b>	<b>05</b>
<b>2.2. Joan Scott: breves considerações sobre o seu (tão utilizado) conceito de gênero .....</b>	<b>15</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>4. OUTRAS ATIVIDADES .....</b>	<b>17</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>5.1. Penetrando em outros buracos teóricos: Judith Butler e seu conceito de Gênero .....</b>	<b>20</b>
<b>5.2. Idade Média e teorias pós-modernas .....</b>	<b>22</b>
<b>5.3. O que é o Queer? Breves penetrações na “Teoria Cu” .....</b>	<b>25</b>
<b>5.4. Um olhar Queer sobre o medievo: reflexões e diálogos possíveis? .....</b>	<b>28</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa (PVD4369-2016) intitulado *Idade Média e Teoria Contemporânea: Os Estudos de Gênero nas Dissertações e Teses de História Medieval nas Universidades Brasileiras (2000-2015)*, no qual atuei como bolsista, vinculado ao Plano de Trabalho *Análise da utilização da categoria gênero nas dissertações inventariadas (2000-2015)*, teve como objetivo principal levantar as dissertações defendidas entre 2000 e 2015 no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em História do Brasil e que trataram de temas de História Medieval, utilizando especificamente os “Estudos de Gênero” como categoria de análise e aporte teórico em suas pesquisas.

Os chamados “Estudos de Gênero” têm, há muito tempo, despertado o interesse dos historiadores. Nos últimos anos, pesquisas ancoradas neste arcabouço teórico têm crescido nas mais diversas áreas do saber científico. Tais trabalhos vêm sendo descritos, compreendidos e explicados das mais diversas perspectivas, contribuindo de modo significativo para a renovação temática e metodológica, ampliando áreas de investigação e renovando marcos conceituais tradicionais. Vem colocando novas questões, redefinindo e ampliando noções tradicionais do significado histórico.

Os estudos de gênero configuram-se como um campo da História Cultural e detém-se em discutir como uma dada visão de gênero construiu-se e impôs-se discursivamente num determinado grupo num certo momento. E visam, mais do que descrever e interpretar, analisar e explicar as construções de gênero, que implicam na configuração de instituições, representações e práticas pelas quais os grupos elaboram o masculino e o feminino, legitimando-as (SILVA, 2004).

A historiadora Carla Pinsky (2009) afirma que o Gênero adquiriu o mesmo *status* de categorias como Classe e Raça e passou a ser considerado imprescindível em teorias que se propõem a explicar as mudanças sociais. Para a autora, uma das propostas da História preocupada com Gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações deste enunciado no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos.

Assim sendo, nos questionamos: é possível escrever uma História Medieval do gênero? A historiadora Carolina Fortes (2006), afirma que sim. Pois, tais estudos podem ser adequados à análise de qualquer época da História, inclusive ao período Medieval. Entretanto, segundo ela, para que seja possível uma História Medieval de Gênero é

necessário que se temporalize este conceito e que este seja inserido no contexto histórico do Ocidente cristão.

Ainda, segundo ela, a história de gênero preocupa-se em mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, e tenta evitar as posições fixas e naturalizadas. Para o caso do estudo da Idade Média não será diferente. A visão que aquela sociedade produziu em relação aos sexos constrói-se de acordo com seu próprio entendimento do que é ser homem e mulher, calcando-se, para isso, em uma série de fatores determinados por seu contexto histórico. Entender que a realidade histórica é social e culturalmente constituída é um pressuposto central para o pesquisador que usa gênero como categoria analítica.

Para Margaret Bridges (2001), na literatura medieval, feminino e masculino ou mulheres e homens desempenham um importante papel e são com frequência objeto de representação da literatura cortês, das sagas e hagiografias. Na opinião da autora, pouquíssimos são os textos em que a relação ou a diferença de gênero são irrelevantes (BRIDGES, 2001 apud SILVA, 2005, p. 28).

Além disso, nos textos medievais, em sua imensa maioria escritos por homens, entendemos que o gênero está marcadamente presente quando os autores se referem às relações entre homens e mulheres em seus contextos ou se propõem a elaborar modelos de comportamento para os dois sexos. Como salienta Carolina Fortes (2004), as identidades de gênero se constroem uma com relação à outra, dado a mentalidade diacrônica da própria sociedade medieval. Sem dúvida, esta categoria pode ser utilizada para o estudo da Idade Média como uma forma de significar as relações de sociais e de poder.

Assim, gênero pode servir como uma referência instável, mas crítica, pois é uma postura teórica que se constrói. É imprescindível que se rompa com os conceitos preexistentes e que se adapte conceitos já existentes, temporalizando-os. Devemos ter referências nos conceitos já formulados para criar nossos próprios conceitos, que se baseiem e se adequem a nossa produção. Os conceitos preexistentes são ponto de partida para a formulação de outros, relativizados (FORTES, 2006).

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1. Apontamentos sobre a análise historiográfica: o uso da categoria gênero nas dissertações inventariadas**

No campo específico da História Medieval em nosso país, segundo Silva,<sup>1</sup> ainda há muito o que ser explorado tanto em termos temáticos quanto em formas de abordagem, documentos a serem analisados e na aplicação de diferentes teorias, métodos e técnicas de pesquisa, incluindo o uso da categoria Gênero.

Ao fazer um levantamento sobre os estudos de Gênero no campo da História Medieval, a historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva salientou que, de 1990 até o primeiro semestre de 2003, apenas 4 dissertações e teses das 125 pesquisadas empregam a categoria Gênero em suas investigações sobre o Medievalo.<sup>2</sup> Obviamente que hoje, em 2017, este número não é o mesmo. Mas, tal constatação evidencia que dos temas de pesquisas desenvolvidas pelos medievalistas brasileiros existem temáticas predominantes e outras esquecidas e que ainda há muito que ser explorado, tanto em termos temáticos, quanto em formas de abordagem.

Ainda, segundo Andréia Frazão,<sup>3</sup> as pesquisas que incorporam a categoria Gênero começaram a surgir em meados da década passada, mas ainda são quase pontuais. Em muitos casos, são trabalhos de conclusão de curso, como dissertações e teses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

A autora apresenta respostas para explicar o desinteresse dos historiadores brasileiros dedicados ao estudo da Idade Média pelo uso da categoria Gênero, até o primeiro semestre de 2003. Para ela, além do caráter ainda marginal dos estudos medievais em muitas universidades do país, que mantêm os velhos argumentos de que no Brasil não houve Idade Média, ou que não há documentação e bibliografia disponíveis para a realização de pesquisa, os estudos de Gênero estão ainda associados, mesmo nos meios acadêmicos, aos movimentos feministas ou a grupos de homossexuais e lésbicas, e não são vistos como uma opção teórica. Bem como a pouca discussão e aprofundamento das questões teóricas nos trabalhos.<sup>4</sup>

Para o levantamento dos dados analisados para a elaboração deste projeto utilizamos (assim como fez Frazão da Silva)<sup>5</sup>, os boletins semestrais publicados pela

---

<sup>1</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v. 11, nº 14. 2004. p. 88.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade:

Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), que congrega os medievalistas de todo o país, promove eventos acadêmicos, coordena pesquisas coletivas, e publica a revista *Signum*. Além disso, os cadernos de resumos e as atas de eventos acadêmicos brasileiros referentes ao Medievo, tais como a Semana de Estudos Medievais, organizada pelo Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ e os Encontros Internacionais de Estudos Medievais da ABREM.

Além disso, também foram acessadas as revistas brasileiras especializadas em História Medieval, como a já citada *Signum*,<sup>6</sup> a *Mirabilia*<sup>7</sup> e a *Brathair*.<sup>8</sup> Informações variadas disponíveis na internet, a Plataforma Lattes<sup>9</sup> e o Diretório de Grupo de Pesquisas.<sup>10</sup> E para concluir, incluo também as publicações do Laboratório de Estudos Medievais (LEME),<sup>11</sup> o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED),<sup>12</sup> o Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEMHAM)<sup>13</sup> e por fim, o *Vivarium* - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo.<sup>14</sup>

A seguir, segue uma tabela (em ordem cronológica) das dissertações por nós levantadas, seus títulos, autores, anos e instituições.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Valéria Fernandes da Silva	<b>Relações de gênero no processo de construção do Mosteiro de São Damião.</b>	UFRJ	2001
Carolina Coelho Fortes	<b>Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena.</b>	UFRJ	2004
Daniele Gallindo Gonçalves e Souza	<b>“wîp unde man ze rehte prïeven”. A construção do</b>	UFRJ	2005

construirmos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM). p. 01-02.

<sup>6</sup> <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/index>.

<sup>7</sup> <http://www.revistamirabilia.com/>.

<sup>8</sup> <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/index>

<sup>9</sup> <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>.

<sup>10</sup> <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

<sup>11</sup> <http://leme.vitis.uspnet.usp.br/>

<sup>12</sup> <http://nemed.he.com.br/>

<sup>13</sup> <https://www.nemham.com/>

	feminino e do masculino em <i>Parzival</i> de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”.		
Maria Valdiza Rogério Soares	Gênero e construção da virgindade nas cartas de Clara de Assis para Inês de Praga e nas Legendas Menores: um estudo comparativo.	UFRJ	2007
Bruno Gonçalves Alvaro	A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do <i>Poema de Mio Cid</i> e da <i>Vida de Santo Domingo de Silos</i> .	UFRJ	2008
Ana Carolina Lima Almeida	A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo de <i>Decamerão</i> e do <i>De mulieribus Claris</i> de Bocaccio (Florença- século XIV).	UFF	2009
Gabriela da Costa Cavalheiro	“Sore ich me ofdrede heo wolde Horn misrede”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no <i>Romance of Horn</i> (cerca de 1170) e em <i>King Horn</i> (1225).	UFRJ	2011
Mariana Bonat Trevisan	Construção de identidades de gênero e	UFF	2012



	<b>afirmação régia: Os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes.</b>		
--	--	--	--

Nossas análises iniciaram-se tomando como marco o ano de 2001, com a dissertação de mestrado “*Relações de Gênero no processo de construção do Mosteiro de São Damião*” da Prof.<sup>a</sup> Valéria Fernandes da Silva, orientada pela professora doutora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

Em seu trabalho, desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ (PEM), Valéria Silva voltou-se para os primórdios da Segunda Ordem Franciscana a partir do estudo das normas que o papado impôs à primeira comunidade de seguidoras de Francisco que se fixaram na Igreja de São Damião, em Assis, desde o início da comunidade até alguns anos após a morte de Clara. Ela analisa, em perspectiva comparativa, as regras beneditina e franciscana e as formas de vida de Hugolino, de Inocêncio IV e de Clara de Assis, para a sua pesquisa a autora emprega a categoria Gênero tal como foi formulada pela historiadora norte-americana Joan Scott.<sup>15</sup>

Valéria F. Silva concluiu que na primeira metade do século XIII foram estabelecidas interdições comportamentais diferenciadas para os seguidores de Francisco com vistas ao controle da prática religiosa, criando um discurso de Gênero que buscava integrar homens e mulheres em um sistema de regras construídas, assimétricas e hierarquizadas.<sup>16</sup>

No ano de 2004, temos a dissertação de mestrado “*Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena*”, redigida por pela Prof.<sup>a</sup> Carolina Coelho Fortes, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Rodrigues da Silva, que foi apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

Em sua dissertação, Carolina Fortes analisou a obra *Legenda Áurea* de Tiago de Vorágine, frade dominicano do século XIII. Seu objetivo era discutir como este autor

<sup>15</sup> Informações fornecidas pela própria orientadora, Cf: SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.

<sup>16</sup> Idem.

caracterizou as santas e santos em sua obra. Para tanto, estudou as vidas de dois homens, Domingos e Vicente, para apreender seus perfis de santidade e contrapô-los ao das santas Madalena e Maria, consideradas pela autora como representativas dos modelos do feminino no cristianismo.<sup>17</sup>

A autora defendeu que em sua caracterização da santidade feminina, Tiago acabou por masculinizar as santas, ou seja, atribuiu a elas traços considerados masculinos na sociedade medieval ocidental, ainda que as tenha mantido com várias de suas características femininas. Ela concluiu que o padrão de santidade apresentado pelo hagiógrafo dominicano pressupunha uma valorização dos elementos considerados masculinos naquela sociedade, que foram alçados à esfera de perfeição. Assim, o único meio das mulheres serem reconhecidas por sua santidade seria negando os atributos considerados como naturalmente femininos naquela sociedade e incorporando, à sua conduta, os masculinos. Há que ressaltar que, em sua introdução, fica clara a sua cautela em empregar a categoria Gênero, seguindo, também, as propostas teóricas de Joan Scott.<sup>18</sup>

Já em 2005, tivemos a dissertação “*wîp unde man ze rehte prïeven*”. *A construção do feminino e do masculino em Parzival de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”* da Prof.<sup>a</sup> Daniele Gallindo Silva, orientada pelo professor doutor Álvaro Alfredo Bragança Junior, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Em sua dissertação Daniele Silva analisa as relações e construções de Gênero estabelecidas nos Livros I e II da Épica Cortês *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, para demonstrar a relação do *Minnesänger* com o ideário cortês instituído na *Hohes Mittelalter* em grande parte das cortes da Europa Ocidental, no caso em questão, no Sacro Império Romano-Germânico. Para a autora, através da construção das personagens Belacâne, Herzeloide e Gahmuret, Wolfram reafirma padrões de condutas e estabelece as relações entre feminino e masculino de acordo com o código de cortesia em voga na Literatura Cortês em *Mittelhochdeutsch*.

A sua documentação, *Parzival*, foi escrita entre 1197 e 1210 por Wolfram, que utiliza-se de uma obra inacabada de Chrétien de Troyes – *Li Contes del Graal* – que fora composta aproximadamente em 1180. *Parzival* é uma épica cortês que pertence ao “ciclo arturiano”, pois a história se passa na corte de Arthur.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

Em sua pesquisa, Daniele Gallindo Souza realiza a interdisciplinaridade entre duas áreas do conhecimento – História e Literatura – com vistas ao estabelecimento de um quadro informativo mais abrangente, que enriquece, valoriza e aumenta o cabedal de dados úteis.

Tendo como arcabouço teórico os Estudos de Gênero, a autora concluiu sua dissertação apontando que o discurso em relação ao feminino é o misógino. As mulheres representadas em *Parzival* carregam consigo o grande ideal pregado pelo *Minnesänger*; a fidelidade. Delas só são esperadas boas ações e atitudes corteses. O feminino idealizado simboliza, pois, uma extensão do masculino.

Em 2007 tivemos a dissertação “*Gênero e construção da virgindade nas cartas de Clara de Assis para Inês de Praga e nas Legendas Menores: um estudo comparativo*”, da Prof.<sup>a</sup> Maria Valdiza Rogério Soares, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

O referido estudo vinculava-se ao projeto coletivo “*Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*”, uma das linhas de pesquisa do Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ), elaborando reflexões sobre Gênero, corpo e as transformações ocorridas na Igreja sob a liderança do Papado.

A autora teve como objetivo analisar, na perspectiva dos estudos de Gênero, tal como foi cunhada pelas teóricas Joan Scott e Jane Flax, as cartas escritas por Clara de Assis para Inês de Praga e as *Legendas Menores*, como a categoria virgindade foi construída por Clara, comparando-a com a presente em escritos hagiográficos dedicados a ela, compostos logo após a sua canonização. Seleciona como objeto de estudo os discursos sobre a virgindade no século XIII, na Península Itálica.

Por conseguinte, Maria Soares buscou relacionar a produção das cartas de Clara à Inês e das *Legendas Menores* aos ideais franciscanos, às transformações operadas no seio da Igreja e ao modelo de comportamento hegemônico esperado para as mulheres nobres no Ocidente no século XIII. Identificar e discutir como Clara constrói a categoria virgindade em suas cartas para Inês de Praga, a partir da categoria Gênero. Discutir como as *Legendas Menores* caracterizam a virgindade de Clara, também sob a perspectiva do Gênero. E, por fim, comparar a construção da virgindade por Clara de Assis com a presente nas *Legendas Menores*, visando explicar as diferenças e semelhanças entre elas.

A autora concluiu sua dissertação evidenciando que a castidade e a virgindade vividas pelas mulheres medievais eram um meio de desviar-se daquilo que era esperado para todas elas, ou seja, a vida materna e o casamento tradicional. Além disso, pequenos grupos de mulheres buscavam uma vida religiosa sem os tradicionais adendos do dote, clausura e agregação às ordens masculinas existentes.

Por conseguinte, em 2008 o Prof. Bruno Gonçalves Alvaro teve sua dissertação de mestrado, *A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ, sob a orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

Em sua pesquisa, Bruno Alvaro preocupou-se em analisar, à luz dos Estudos de Gênero e através do Método Comparativo em História, como foram construídas as masculinidades no Medievo Ibérico. Não na Península Ibérica como um todo, mas sim, em casos específicos de Castela no século XIII, a partir da análise dos discursos de duas obras selecionadas, o *Poema de Mio Cid* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*, escritos no século XIII pelos clérigos poetas Per Abbat e Gonzalo de Berceo, respectivamente.

Para o autor, através do estudo das vidas dos protagonistas das obras selecionadas, e a partir dessa “base” teórico-metodológica foi possível observar um mesmo ideal de masculinidade, comum a leigos e religiosos, construído mediante qualificações positivas como coragem, bondade, fidelidade, compromisso com a fé cristã, etc., e em seu relacionamento com outros homens e mulheres. A pesquisa se desenvolve através do arcabouço teórico desenvolvido pelos Estudos de Gênero postulados pela historiadora norte-americana Joan Scott, no seu clássico artigo “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”.

Em sua pesquisa, Alvaro evidenciou as dificuldades encontradas nas suas análises inseridas nos Estudos de Gênero e, principalmente, no que se refere à conceitualização do termo “masculinidade(s)”; pois, segundo ele, trata-se de um campo cujas abordagens são múltiplas, sem precisões e conceitos definidos. Na construção de sua interpretação o autor dialoga, predominantemente, com a historiografia espanhola. Talvez, isto se deva pelo fato da escassez de estudos sobre tais temáticas no Brasil (refiro-me à estudos das masculinidades em Castela no século XIII) e/ou por se tratar de uma análise focada na Península Ibérica

Doravante, em 2011 tivemos a dissertação “*Sore ich me ofdrede heo wolde Horn misrede*”: *Um estudo comparativo da sexualidade feminina no Romance of Horn (cerca*

de 1170) e em *King Horn* (1225), da Prof.<sup>a</sup> Gabriela da Costa Cavalheiro, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior.

Em sua dissertação, Gabriela Cavalheiro faz uma (re)leitura de dois romances insulares compostos no baixo Medievo Inglês, a saber, o *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Seu estudo se pautou no diálogo com diferentes autores e no uso interdisciplinar do aporte teórico e metodológico dos estudos em História Comparada, Gênero e Sexualidade. A autora identifica, em ambos os romances, a presença acentuada de expressões relativas à sexualidade feminina. E, a partir da análise dos textos e de seus contextos discursivos, identificou que os saberes de Gênero permeavam todas as expressões da sexualidade em ambas as narrativas. O conceito de Gênero adotado na pesquisa provém do pós-estruturalismo e, em específico, da teórica Joan Scott, porém, em diálogo constante com o que propôs a filósofa Judith Butler, tornando seu trabalho, a meu ver, inovador.

Além disso, em sua dissertação, a Gabriela Cavalheiro apresenta uma profícua discussão epistemológica, teórica e metodológica de uma História da sexualidade, do Gênero (numa perspectiva pós-moderna) e das transferências culturais. Conhecimentos estes que norteiam todo o seu trabalho, deixando o leitor totalmente inteirado das questões conceituais utilizados por ela. Uma vez estabelecidas as fronteiras conceituais da sexualidade, foca analiticamente a maneira como os saberes sobre essa temática se constituíram e se perpetuaram durante o período medieval.

Uma das conclusões de sua dissertação afirma que as expressões da sexualidade feminina, impressas nos romances, são condicionadas por redes discursivas cujas inflexões de Gênero não demarcam corpos sexuados como objetos de desejo, mas acentuam, naqueles corpos, os elementos cortesões que os transformam em elementos afrodisíacos.

Em ambos os romances, as figuras femininas a protagonizarem uma relação amorosa com Horn, a saber, Rigmel no *Romance of Horn* e Rymenhild em *King Horn*, atuam de maneira bastante peculiar, uma vez tomado como paradigma o comportamento de outras damas em outras narrativas contemporâneas. Ao assumirem o papel masculino no ato de cortejar, ambas as damas permitem-se expor seus desejos e explorar, seja através de seus corpos ou do diálogo com outros personagens, elementos ligados à sua sexualidade.

Por fim, em 2012 tivemos a dissertação “*Construção de identidades de Gênero e afirmação régia: Os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes*” da Prof.<sup>a</sup> Mariana Trevisan, apresentado e aprovado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, orientada pela professora doutora Vânia Leite Fróes.

Em sua dissertação de mestrado Trevisan analisa a relação entre a afirmação política de uma nova casa real e a construção de identidades de Gênero para os membros da realeza portuguesa a partir da *Crônica de D. Pedro I*, da *Crônica de D. Fernando* e da *Crônica de D. João I*, obras de Fernão Lopes, cronista oficial da dinastia de Avis.

O intuito era estudar como são construídas no relato lopeano identidades de Gênero para D. Pedro I e sua amante D. Inês de Castro (1325- 1355), D. Fernando (1367-1383) e a rainha D. Leonor (1350-1386). Identificando como são caracterizados os personagens, de modo positivo ou negativo, conforme os valores referentes ao imaginário da sociedade medieval e os propósitos da legitimação avisina. Enfim, a pesquisa centrou-se no estudo da construção discursiva de identidades de Gênero e sua relação com a afirmação do poder régio na baixa Idade Média portuguesa.

A autora propõe uma abordagem que entende a política e o Gênero como elementos constituintes e essenciais das relações sociais e de poder. Sendo mais específico, ela utiliza-se do conceito de Gênero tal como foi proposto pela historiadora Joan Scott.

Nas dissertações acima citadas e analisadas, percebeu-se que a teórica do Gênero Joan Scott é a mais utilizada e influente entre os medievalistas brasileiros o que pode ser explicado pelo fato dela ser uma historiadora e ter sido uma das primeiras a refletir, de forma sistemática, sobre o uso da categoria Gênero nas investigações históricas. Desde 1990, Joan Scott prevalece como a teórica mais utilizada nos estudos de Gênero sobre o Medievo. Todos os trabalhos usam e abusam do conceito “scottiano” de Gênero. Tornam-se até mesmo repetitivos, no sentido de não problematizarem tal perspectiva considerada pós-moderna.

É inegável que houve um avanço muito significativo na medievalística brasileira de 2000 a 2017. Entretanto, mesmo com todo o crescimento ainda continua sendo limitado os trabalhos que usam de forma efetiva o Gênero como categoria de análise.

Como já apontou Andréia Frazão,<sup>19</sup> muitos dos materiais produzidos são trabalhos de conclusão – monografias, dissertações e teses – ou textos diretamente ligados a esses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

Neste sentido, cabe apontar o Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ como o principal núcleo incentivador/influenciador das pesquisas que empregam a categoria Gênero. Parece-nos que tal núcleo continua, desde 2006, o único organizado no Brasil a desenvolver estudos de Gênero tendo como campo exclusivo a História Medieval.

Andréia Frazão cita algumas iniciativas nos últimos anos que contribuíram para o incentivo e desenvolvimento da abordagem do Gênero na historiografia medieval brasileira. A autora destaca a oferta do minicurso “*Aproximações historiográficas ao medievo: teorias, métodos e técnicas da história das mulheres e dos Estudos de Gênero*” no I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão, realizado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2005, e a organização do Simpósio Temático *Fazendo e rompendo fronteiras: gênero, idade média e interdisciplinaridade*, pelos professores doutores Valéria Fernandes da Silva, a própria Andréia Frazão e Marcelo Pereira Lima, realizado em agosto de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).<sup>20</sup>

Nós consideramos também a importância do II Encontro Internacional de História Antiga e Medieval de Imperatriz no Maranhão, organizado pelo Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEHAM) da já citada Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), realizado este ano de 2016, mas, que vem sendo realizado desde 2015, tendo como temática: amor, sexualidades e erotismo. E por fim, o I Seminário de Pesquisa sobre Estudos de Gênero e História: transversalidades interdisciplinares, realizado na UFBA, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima. Neste seminário foi discutido o Gênero em perspectiva pós-moderna no medievo.

---

<sup>19</sup> SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

<sup>20</sup> Idem.

Todos esses eventos destacados são importantes para que o debate sobre o Gênero no medievo marque, definitivamente, um território de investigação científica na academia brasileira.

## **2.2. Joan Scott: breves considerações sobre o seu (tão utilizado) conceito de gênero**

Todos os trabalhos acima citados são ancorados nos postulados teóricos da historiadora Joan Scott. Questionamo-nos então: O que significa Gênero para esta autora pós-estruturalista? Quais foram as suas inovações para os estudos de Gênero a ponto de ser tão citada por estes pesquisadores?

A contribuição de Joan Scott pode ser verificada no texto “Gender a Useful Category of Historical Analysis”, de 1986, posteriormente traduzido, em 1990, no Brasil com o título “Gênero: uma categoria útil de Análise Histórica”. Este artigo tornou-se um clássico, pois representou um dos principais avanços teóricos para os pesquisadores interessados pelo recente campo, que começou a se consolidar no nosso país no início dos anos 90.

Para Joan Scott, Gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e constituem-se no interior de relações sociais de poder. As relações de Gênero não só instituem o “verdadeiro sexo”, como também atuam no regime de uma heterossexualidade obrigatória.<sup>21</sup>

A autora articula Gênero com a noção de poder. Para ela, Gênero:

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.<sup>22</sup>

A definição de Gênero que Scott apresenta parte de duas proposições: a) Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e b) Gênero é um modo primário de significar relações de poder. A primeira refere-se ao processo de construção das relações de Gênero. A segunda refere-se à pertinência da aplicação do termo como categoria de análise de outras relações de poder

<sup>21</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: \_\_\_\_\_. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.

<sup>22</sup> Idem, p. 30.



único, é um meio recorrente de proporcionar a significação de poder e conduz o historiador a buscar as formas pelas quais os significados de Gênero estruturam a organização concreta e simbólica de toda a vida social.<sup>23</sup>

Para Scott, devemos descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas; achar qual o sentido e como funcionaram para manter a ordem social e para mudá-la; como as sociedades representam o Gênero e como utilizam dele para articular regras de relações sociais.

Como bem constatou a Andreia Frazão,<sup>24</sup> ainda há muito que ser percorrido nos estudos realizados no campo da História Medieval no Brasil. Sobre a inserção do Gênero como categoria de análise histórica nos estudos sobre o Medievo. O uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico do Gênero nos trabalhos de Idade Média, é um dos problemas a serem combatidos no Brasil.

### 3. METODOLOGIA

Por se tratar de um projeto que visa, em primeiro lugar, realizar um levantamento e em seguida uma análise comparativa buscando explicações de fundo institucional para o uso da categoria gênero em caso de disparidade entre os trabalhos, lançaremos mão do Comparativismo em História.

Neste caso, optamos por utilizar tal método seguindo os pressupostos estabelecidos Jürgen Kocka em seu artigo “Comparison and Beyond”. Este autor enfatiza em tal trabalho que: “comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetos intelectuais” (KOCKA, 2003, p. 39). Ele ainda ressalta que, não necessariamente, tais fenômenos devam ser de sociedades diferentes ou sincrônicas, ou seja, dentro de uma mesma sociedade e em um mesmo marco de tempo, pois, para ele, é possível, através da comparação histórica observar possíveis similitudes e/ou diferenças específicas.

---

<sup>23</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.

<sup>24</sup> SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006.

É evidente que não se trata neste Projeto de Pesquisa de um estudo de comparação entre sociedades, tampouco um “fenômeno histórico”, apesar de não podermos ignorar que o conhecimento acadêmico caminha, ora em passos largos, ora em dificuldades, graças a toda uma gama de tensionamentos e relações específicas de poderes em constante disputa nas Instituições. Contudo, é profícuo para nós a perspectiva kockiana à medida em que sua proposta volta seu olhar para a observação de possíveis similitudes e diferenças específicas.

Para Kocka, a abordagem comparativa é fundamental para se levantar e responder questões de causa. Ele ressalta que, analiticamente, o método comparativo em História

é sem dúvida (...) indispensável para historiadores que gostam de fazer indagações causais e fornecer respostas causais. Seguindo o mesmo raciocínio, deveria ser enfatizado que a crítica necessária das explicações dadas, incluindo a refutação de “pseudo-explicações” tanto do tipo local como do generalizante, precisa da comparação da mesma forma (KOCKA, 2003, p. 40-41).

Tal historiador alemão ainda alerta sobre mais dois propósitos da História Comparada, além dos heurísticos e analíticos: os descritivos e paradigmáticos. Para ele, descritivamente a comparação histórica possibilita estudar e “esclarecer os perfis de casos singulares, frequentemente de apenas um único caso, ao contrastá-lo com outros” (KOCKA, 2003, p. 41).

Nossa pesquisa se correlaciona com a perspectiva de Kocka, já que pretendemos comparar as dissertações buscando suas possíveis singularidades e diferenças inseridas na especificidade da corrente teórica de Estudos de Gênero a qual estarão vinculadas e, conseqüentemente, a maneira como a categoria gênero foi aplicada.

#### **4. OUTRAS ATIVIDADES**

Além das reuniões de orientação e leituras das dissertações levantadas, nós participamos de algumas atividades. Abaixo listamos por ordem o que foi feito por nós nestes últimos meses:

##### **Artigo publicado em Periódico Científico:**

1. Em janeiro de 2017 foi redigido e publicação um artigo científico sobre a temática deste trabalho na Revista Veredas da História, vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia.

### **Participação em Minicursos:**

1. Agosto de 2016 – Ensino de História Novos Currículos, Velhos Problemas. Minicurso ofertado no VI Encontro de Ensino de História, realizado pelo Departamento de História da UFS.
2. Outubro de 2016 – *Diversidade: Gênero, Sexualidade e Religião*. Minicurso vinculado ao VII Encontro Sergipano de Educação Básica (Eseb) e I Seminário dos Institutos Colégios e Escolas de Aplicação (Sicea) – Regional Nordeste: A escola como espaço de formação, diversidade e inclusão realizado pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.
3. Dezembro de 2016 – I Seminário de Estudos Clássicos, Tardo Antigos e Medievais (ARCHAI - VIVARIUM/NORDESTE) realizado pelo Departamento de História e Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

### **Participação em mesa-redonda como ministrante:**

1. Outubro de 2016 - Diversidade na Escola: Gênero, Etnia e Sexualidade. Realizada na VI Semana de História da UFS, organizada pelo Departamento de História da mesma instituição.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Existe um oceano de teorias diante dos/as historiadores/as que podem possibilitar novas descobertas e novas perspectivas de análise sobre o passado. Diante de tantas possibilidades, é necessário ao/à pesquisador/a escolher um só paradigma, ou um único sistema teórico? Há autores/as incompatíveis uns com os/as outros/as, bem como conceitos que não podem ser misturados entre si sob hipótese alguma? Existem “autores/as consagrados/as”, cuja contribuição é inquestionável e definitiva? E mais que isto, aceitar imposições cegamente não é contraproducente e limitador?<sup>25</sup> Como foi apresentado anteriormente, temos inúmeros trabalhos sobre o medievo que baseiam suas pesquisas somente no arcabouço teórico da autora Joan Scott.

Seria uma questão institucional usar apenas a Scott? Não podemos desprezar o fato de que a produção historiográfica e/ou a escrita da História é fortemente

---

<sup>25</sup> É com tais questionamentos que o historiador José D’Assunção Barros reflete sobre a liberdade teórica nas pesquisas históricas em seu livro *Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais*. Cf.: BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

influenciada pela localização em que ela foi realizada - leia-se -, pelo “lugar institucional” que o/a historiador/a está inserido, mobilizando o seu interesse e tipo de pesquisa. Todo trabalho historiográfico se articula com um lugar de produção socioeconômico, político, cultural, etc. Ele está, pois, submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente.<sup>26</sup>

Segundo Michel de Certeau,<sup>27</sup> “a escrita da História se constrói em função de uma instituição”. O autor baseia sua argumentação no fato de que é através dos interesses de uma instituição que a História enquanto uma disciplina vai se organizar. Os desejos institucionais vão atuar desde a metodologia empregada, ou até mesmo na seleção das fontes, para as pesquisas a serem elaboradas. E no nosso caso, na teoria e/ou conceito escolhido. Portanto, o estudo histórico é produto de um lugar. Ele afirma que a atividade de pesquisa histórica está sempre inserida em um lugar, no qual, de acordo com os seus interesses, definirá o que pode vir a ser feito e o que não é permitido ser realizado.

De todas as pesquisas por nós analisadas a única que apresenta um diálogo interdisciplinar com outras vertentes e teorias do Gênero é a dissertação da Gabriela Cavalheiro,<sup>28</sup> que realiza um profícuo debate entre Scott e Judith Butler, por exemplo. O seu conhecimento por outras perspectivas e conceitos de Gênero surgiram bem antes do seu mestrado, na época da graduação. Em entrevista, realizada por e-mail, Gabriela Cavalheiro afirmou que foi na época da graduação que ela teve contato com textos da Judith Butler e de outras críticas literárias inglesas e norte-americanas. Segundo ela, não foi indicação de nenhum professor ou pesquisador brasileiro, foram iniciativas bastante individuais.<sup>29</sup>

Ainda, segundo ela:

Joan Scott ainda é lida, ou pelo menos era, como uma espécie de ‘papisa’ nos Estudos de Gênero no Brasil e, durante o mestrado, isso

---

<sup>26</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

<sup>27</sup> Idem. p. 66.

<sup>28</sup> CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. “**Sore ich me ofdreheowolde Horn misrede**”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

<sup>29</sup> CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. Questões respondidas a Cassiano Celestino de Jesus em entrevista realizada por e-mail, dia 21/04/2017.

ficou bastante claro. As disciplinas teóricas que cursei sobre gênero, História das Mulheres e Masculinidades, por exemplo, não [...] incluíam textos da Butler ou de outras teóricas fortes como a Bell Hooks. Até hoje, pelo que percebo através do pouco contato que tenho com acadêmicos brasileiros que desenvolvem pesquisas na área, Butler ainda não aparece com força dentro da medievística brasileira. Acredito que a resistência que ainda possa existir ao trabalho da teórica se baseia em parte na dificuldade que a academia brasileira possui, em termos, de trabalhar com conceitos que não são ‘fechados’ ou ‘estáveis’. Fui apresentada (oficialmente) aos textos da Scott no primeiro semestre do curso de mestrado, durante uma disciplina teórica.<sup>30</sup>

É possível pensar o Gênero a partir de outros postulados? Sendo mais específico, é possível pensar o medievo a partir de uma outra abordagem? Diante de tais questionamentos, queremos apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval. Para este texto, nosso foco se voltará para a perspectiva da autora Judith Butler e os chamados Estudos Queer.

### **5.1. Penetrando em outros buracos teóricos: Judith Butler e seu conceito de Gênero**

Ao conceituar Gênero tanto a filósofa estadunidense Judith Butler, como sua colega Joan Scott – falando a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, altamente influenciada por Foucault – destacam que tanto Sexo quanto Gênero são, em primeiro lugar, formas de saber, isto é, conhecimentos a respeito dos corpos, das diferenças sexuais, dos indivíduos sexuados. Ambos são conceitos históricos (no sentido de possuírem uma história, serem passíveis de uma genealogia) e, desta forma, mutáveis no tempo e no espaço.<sup>31</sup>

Judith Butler é professora de retórica e literatura na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Estudou filosofia nos anos 1980, e seu primeiro livro *Subjects of desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*, lançado em 1987, teve como foco o impacto da obra de Hegel sobre os filósofos do século XX. Seus livros subsequentes recorrem amplamente a teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas. Em maior ou menor grau, todos os seus livros levantam questões sobre a formação da identidade e

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Cf.: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

da subjetividade. Butler, preocupa-se em questionar o “sujeito”, e os processos através dos quais ele vem a existir, através de que meios são construídos e como essas construções são bem-sucedidas (ou não).<sup>32</sup>

Seu trabalho procura desnaturalizar as “verdades” de toda a identidade que oprima as singularidades humanas que não se enquadram nos padrões normativos, morais e sociais. As pessoas não são mais definidas como homens e mulheres, mas como praticantes de sexualidade: homossexual, heterossexual, bissexual, transexual. Sua teoria critica a associação automática do sexo biológico das pessoas à identidade de Gênero e à orientação sexual delas. Ela defende a noção de que a identidade e o Gênero das pessoas são mais flexíveis do que isso.

Para Butler, a identidade não tem fim, se (re)constrói constantemente. O seu trabalho descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso. As instituições, os discursos e as práticas nos criam ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso Gênero.

Butler desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja desde já e, desde sempre, Gênero. Todos os corpos são “genderificados” desde o começo de sua existência social, o que significa que não há “corpo natural” que preexista a sua inscrição cultural. O Gênero não é algo que *somos*, é algo que *fazemos*, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos.<sup>33</sup> Ela desenvolve essa ideia logo no primeiro capítulo de seu livro *Problemas de gênero*, ao afirmar que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, **um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido** e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos construtivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social.<sup>34</sup> (Negrito nosso)

O Gênero é um estilo corporal, um ato, uma “estratégia que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade. Em vez de partir da premissa de que o sujeito é um viajante metafísico preexistente, Butler descreve-o como um sujeito-em-processo que é construído no

---

<sup>32</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. p. 33.

discurso pelos atos que executa. Ela argumenta que a identidade de Gênero é uma sequência de atos, mas que não existe um ator preexistente que pratica esses atos, não existe nenhum fazedor por trás do feito.<sup>35</sup>

Assim, Butler afirma que o Gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos”. Ela afirma, antes de mais nada, que todo Gênero é, por definição, não natural. A autora diz isso para então começar a desfazer a conexão entre sexo e Gênero que muitos acreditam ser inevitável. Isto é, espera-se que alguém biologicamente fêmea, exiba traços “femininos” e num mundo heteronormativo (no qual a homossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Desta forma, ao falar que o Gênero é “não natural” ela quer evidenciar que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu Gênero.

Butler torna-se extremamente enfática e repetitiva (até mesmo cansativa) em afirmar que o sexo e Gênero são resultado do discurso e da lei. Ela utiliza-se da *crítica da hipótese repressiva* formulada por Foucault, que refuta o pressuposto generalizado de que a sexualidade no século XIX era reprimida pela lei. Argumenta que, em vez disso, a sexualidade era *produzida* pela lei e que, longe de um silêncio em torno do sexo, o que havia, no século XIX, era “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais”.<sup>36</sup> Assim, falar sobre o sexo é um modo de, simultaneamente, produzi-lo e controlá-lo. Isso leva Butler a argumentar que, ao mesmo tempo que proíbe as uniões homossexuais/incestuozas, a lei as inventa e as provoca. A própria lei produz e proíbe.

Butler não está interessada na busca de uma origem ou causa do Gênero, mas sim em realizar uma investigação genealógica<sup>37</sup> que estude os efeitos do Gênero e reconheça que o Gênero é um efeito. É sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se pode dizer que preexiste ao feito. Assim sendo, não se pode pensar numa Idade Média sob a ótica da pós-moderna Judith Butler? Por que não escrever uma História Medieval Queer?

## 5.2. Idade Média e teorias pós-modernas: possibilidades nas margens

---

<sup>35</sup> SALIH, Op. Cit.

<sup>36</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. p. 22.

<sup>37</sup> Ela usa a palavra no seu sentido especificamente foucaultiano para descrever uma investigação sobre o modo como os discursos funcionam e os propósitos políticos que eles cumprem.

No ano de 2006, em um artigo sobre o chamado novo medievalismo,<sup>38</sup> Jaume Aurell, professor de História da Universidade de Navarra, anunciava sutilmente a influência do pós-modernismo na historiografia atual e suas consequências na reformulação de métodos e categorias que mais estavam estabelecidos na disciplina histórica. O historiador dava ênfase, sobretudo, na grande potencialidade das chamadas teorias pós-modernas nos estudos sobre o medievo.

Para Aurell,<sup>39</sup> a leitura do texto medieval a partir de uma perspectiva pós-moderna torna-se mais viável, porque se experimenta uma maior identificação entre o texto medieval e o pós-moderno. Os dois reduzem suas distâncias metodológicas e epistemológicas. Ambos contrastam radicalmente com o texto histórico moderno (séculos XVI-XX), cuja univocidade está fundamentada em uma leitura empírica, científica, positivista e paradigmática da realidade que nos chega através dos documentos. Esta univocidade é negada tanto pelos textos medievais como pelos pós-modernos.

Ainda, segundo ele, não é mais suficiente e possível analisar os textos da historiografia medieval a partir de uma perspectiva racionalista e positivista. Jaume Aurell não descarta a ideia de preservação dos métodos mais tradicionais do medievalismo, mas aponta que talvez devemos prestar mais atenção às novas correntes, relacionadas de um modo ou outro com o pós-modernismo, que permitem um acesso aos textos históricos de forma poliédrica e interdisciplinar.<sup>40</sup>

Entretanto, atualmente, o medievalismo parece apresentar algumas reservas com relação à viabilidade destas novas correntes. Apesar dos trabalhos por nós analisados no segundo capítulo, nos parece que o debate sobre o pós-modernismo e suas repercussões historiográficas ainda tem uma incidência um pouco minoritária nos ambientes acadêmicos brasileiros. Para Aurell,<sup>41</sup> muitos/as deles/as demonstram receio sobre a invasão das ideias pós-modernas no âmbito do medievalismo, porque quando são levadas às últimas consequências geram um relativismo nada aconselhável para o

---

<sup>38</sup> AURELL, Jaume. El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos. **HISPANIA. Revista Española de Historia**, vol. LXVI, n. 224, p. 809-832, septiembre-diciembre 2006. Para este trabalho utilizamos a versão traduzida para o português, publicada pela Revista Roda da fortuna: AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna**, vol. 04, n. 02. p. 184-208, 2015.

<sup>39</sup> Idem. p. 187-188.

<sup>40</sup> Idem. p. 202.

<sup>41</sup> Idem. p. 187.



trabalho científico. Por exemplo, nos anos setenta, Hayden White, um dos principais representantes do pós-modernismo, declarava:

Houve relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como encontrados e cujas formas têm mais em comum com os seus homólogos na literatura do que aquelas nas Ciências.<sup>42</sup>

Há ainda aqueles/as que consideram anacrônico pensar o Medieval a partir de uma postura considerada pós-moderna. Estes/as esquecem que a História é contemporânea, e que sempre utilizaremos categorias do presente para pensar o passado, já dizia Marc Bloch, no século XX, em seu livro inacabado *“Apologia da História ou o Ofício do historiador”*.<sup>43</sup> No mesmo livro, o autor ainda afirma que a História só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e de técnicas. Ele acha que não é possível entender o presente sem estudar o passado, e também não é possível compreender o passado sem estudar o presente. Em suma, uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente.

Ao colocar novas questões em relação ao passado, a nos levar a repensar a História, a observá-la com os outros olhos, e a demandar novas investigações, os estudos pós-modernos, como o queer, não abriria novas possibilidades de investigação e descobertas? Não estamos querendo impor um novo dogma ou modelo teórico-metodológico para a pesquisa em História Medieval, não se trata de mostrar superioridade desta ou aquela teoria-metodologia. A ideia é apresentar/refletir sobre os possíveis novos modos de ser trabalhar e estudar o passado. Abrir o olhar para novos horizontes, uma vez que a História é uma ciência em construção.

Desta forma, queremos apontar as potencialidades e possibilidades que a Teoria Queer pode trazer para o medievalismo. Parafraseando a Guacira Lopes Louro,<sup>44</sup> a irreverência e a disposição da Teoria Queer nos incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e testá-los no campo da História. Queremos apostar em suas articulações, por em movimento o subversivo, arriscar o impensável, fazer balançar estabilidades e certezas. Não temos qualquer garantia de conseguir sucesso nesses movimentos, mas tentamos ensaiá-los.

<sup>42</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 97.

<sup>43</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>44</sup> **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

### 5.3. O que é o Queer? Breves penetrações na “Teoria Cu”<sup>45</sup>

Antes de prosseguirmos nossas reflexões, se faz necessário fazer uma pausa para explicar o que vem a ser a corrente de estudos conhecida como Teoria queer. Não existe uma definição absoluta, bem definida e imutável sobre esta vertente de estudos. O queer é plural. Ele transita e é heterogêneo. A ideia é possibilitar que pessoas (estudantes ou não), que não conhecem e não tem uma familiaridade com esta teoria, possam ter uma introdução e/ou alguns conhecimentos prévios sobre este campo de saber.

A Teoria Queer questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o Gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável”.<sup>46</sup> O impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo - não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. É possível pensar de forma insurgente pelas bordas do social, na região que foi propositalmente forcluída dele e, muitas vezes, relegada até mesmo ao reino do abjeto. Emerge assim um pensamento queer, não-normalizador, uma teoria social não-heterossexista e que, portanto, reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade.<sup>47</sup>

As origens da Teoria Queer remontam ao fim da chamada Revolução Sexual, dos movimentos liberacionistas e gays e do curto período de despatologização da homossexualidade, retirada da lista de enfermidades da Sociedade Psiquiátrica Americana, em 1973. Foi em meio ao refluxo conservador detonado pela epidemia da AIDS (1970-1980) que pesquisadores/as de diversos países desenvolveram análises inovadoras sobre a hegemonia política heterossexual.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Em inglês, a palavra Queer significa “bicha”, “viado”, “estranho”, “anormal”, é uma ofensa, insulto. Não há na língua portuguesa uma palavra com teor depreciativo tão forte quanto “queer” para a língua inglesa (LUGARINHO, 2001, p. 41). É impossível traduzir o queer para a língua portuguesa, visto a complexidade deste termo em inglês. A experiência da tradução deve se conformar com a proposta desconstrucionista: reinterpretando, reelaborando, desconstruindo (LUGARINHO, 2001). Desta forma, quando falo em “teoria cu”, mais que uma tradução para o queer, talvez eu esteja querendo (re)inventar e/ou reelaborar uma tradição para nossos saberes de cucarachas, periféricos e marginais (PELÚCIO, 2014).

<sup>46</sup> LOURO. Op, cit.

<sup>47</sup> MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 17, 2014.

<sup>48</sup> Idem.

O pesquisador Richard Miskolci<sup>49</sup> evidencia que existem várias formas de pensar sobre o que é o queer. Ele/a tem uma origem multisituada, global. O queer não é só norte-americano, diversos pesquisadores/as de vários países contribuíram para a sua composição. Além disso, o autor não compreende a Teoria Queer como uma vertente de estudos estrangeiros que veio nos colonizar.

Assim como ele, o historiador Fernando Benetti, se opõe a uma concepção que entende a Teoria Queer como um conhecimento que veio nos colonizar pelos EUA. Em seu trabalho de monografia, o autor evidencia que bem antes da emergência desses estudos no Brasil, por aqui já se desenvolvia pesquisas com interpretações do que se convencionou a chamar de queer. Benetti, cita, por exemplo, o livro *O que é homossexualidade?* de Peter Fry e Edward MacRae (1985); Para ele, existem elementos ou pinceladas *queer* que podem ser percebidos no livro. Por exemplo, logo na introdução desta obra os autores afirmam que:

Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade.<sup>50</sup>

Para Benetti, este parágrafo está em consonância com os Estudos Queer, ao problematizar o caráter de normalidade da heterossexualidade e ao afirmar que as sexualidades devem ser interpretadas como construções sociais, possibilita afirmar que de fato, Fry e MacRae estão *queerizando* as sexualidades, estão problematizando o binarismo, e desconstruindo a heteronormatividade.

É possível afirmar que “*Teoria Queer*” é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de Gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem.<sup>51</sup>

O termo queer pode ser interpretado por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. A expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Este termo é assumido por uma vertente de movimentos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e

<sup>49</sup> Informação fornecida por Miskolci no I Seminário Queer, em São Paulo, em setembro de 2015.

<sup>50</sup> BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: [www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf](http://www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf).

<sup>51</sup> MISKOLCI. Op. cit. p. 08.

contestação. Para eles, queer significa ir contra a normalização, tendo como principal alvo a heteronormatividade.<sup>52</sup>

A Teoria Queer só ganha forma em 1991, com o artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “Teoria Queer” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelas/es que foram esquecidos, patologizados e medicalizados durante a História das sexualidades.<sup>53</sup>

O Sociólogo Richard Miskolci afirma que é possível compreender Teoria Queer como um termo aberto, usado inicialmente nos Estados Unidos, pela já citada feminista italiana Teresa De Lauretis, para apontar um olhar crítico e contra-normalizador que seria um denominador comum de uma vasta e diversa produção acadêmica que emergira em meio ao pânico sexual da AIDS, na segunda metade dos anos oitenta, e já se consolidava na década seguinte. Além disso, bem antes de publicar o texto acima citado, foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação Queer Theory para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos.<sup>54</sup>

A partir deste período este termo passa a descrever o trabalho de um grupo de intelectuais e sua perspectiva teórica. Assim sendo, a Teoria queer passa a ser vinculada às vertentes do pensamento que problematiza e opera com a desconstrução das noções clássicas de sujeito, de identidade, e de identificação.<sup>55</sup>

A Teoria Queer é parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas, que fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Os/as teóricos/as queer focam na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Enfim, busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações. Interrogando como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas.<sup>56</sup>

Por conseguinte, o pós-estruturalismo é uma corrente teórica que busca problematizar as concepções clássicas de sujeito e identidade. Busca igualmente romper

---

<sup>52</sup> LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

<sup>53</sup> BENETTI, Op. cit.

<sup>54</sup> MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, URGs, n. 2, 2009, p. 150-182.

<sup>55</sup> LOURO, Op. cit.

<sup>56</sup> MISKOLCI, Op. cit.

com a concepção cartesiana e iluminista de sujeito, que separa corpo e mente. O sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e em construção permanente. Ele é criado pelas instituições, pela cultura, pela política; é sempre moldável e não pré-existente.<sup>57</sup> Os principais interlocutores do pós-estruturalismo são Michel Foucault, Jacques Derrida, Deleuze, Félix Guatarri.

Os primeiros livros representativos da Teoria Queer são: *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*, de Judith Butler, de 1990, e *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, de Eve Kosofski Sedgwick. Em *Problemas de Gênero*, por exemplo, além de fazer uma genealogia detalhada sobre a funcionalidade do conceito de Gênero para o feminismo, Butler fala pela primeira vez sobre a performatividade de Gênero, este que veio a ser um dos conceitos centrais da Teoria Queer. Tratarei sobre isso mais adiante.

#### 5.4. Um olhar Queer sobre o medievo: reflexões e diálogos possíveis?

De acordo com alguns comentaristas norte-americanos, estamos embarcando na segunda onda dos estudos queer e parece muito oportuno interrogar e/ou refletir sobre o possível diálogo entre a Idade Média e essa vertente de estudos aqui no Brasil. O que o queer pode dizer ou está dizendo para nós historiadores? E, para nós enquanto medievalistas? O que este movimento subversivo e perturbador pode fazer e/ou faz no campo da História Medieval? Como bem ressaltou a historiadora Guacira Lopes Louro,<sup>58</sup> o queer não traz propostas, prescrições, em vez disso, fala-se em desconstruir. Não nos dá soluções, pelo contrário, nos provoca a realizar perguntas, a questionar o que parecia inquestionável.

É possível lançar um olhar Queer na documentação Medieval? Se sim, como? Se não, por quê? Em um artigo sobre as metodologias queer nos estudos medievais, o filósofo Michael O'Rourke da University College Dublin,<sup>59</sup> afirma que os dois nem sempre foram felizes companheiros de cama. Tratam-se de duas disciplinas opostas, uma marcada pelo aparente tradicionalismo e a outra caracterizada por discursos

---

<sup>57</sup> Idem, p. 152.

<sup>58</sup> Informação fornecida por Guacira Lopes Louro no I Seminário Queer, em São Paulo, em setembro de 2015.

<sup>59</sup> Constatar em: O'ROURKE, Michael. Becoming (Queer) Medieval: Queer Methodologies in Medieval Studies: Where are We Now? *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*, v. 36, n. 01, p. 09-14, setembro 2003. Traduções nossas. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/6>

antinormativizantes. A união de estudos queer e Medieval tem sido tanto produtivo como hostil. Os medievalistas (pelo menos aqueles que estão no campo da História da sexualidade) passaram a abraçar o “estranho” como seu "amigo-inimigo". Alguns deles acreditam que a Teoria Queer com a sua viragem pós-moderna não é a ferramenta ideal para fazer a História do desejo, do Gênero ou da sexualidade nos períodos anteriores a 1870.

Parece-nos que a raiz do problema, é a falta de consenso crítico em torno do termo queer. Nem todo mundo que trabalha sob o signo de queer quer significar a mesma coisa, e o termo tem sido usado de muitas maneiras diferentes: teórica, política e social. Quanto ao não uso da Butler na medievalística, penso que se explica em muito por conta da ênfase na noção de Gênero como um resultado mais da "repetição" da performance do que da identificação de "diferenças sexuais", como coloca a Scott. Entretanto, como pensar isso para o medieval? Como pensar as "diferenças" fisiológicas no campo puramente discursivo? O "feminino" não se construiria, ainda que discursivamente (se aceitarmos esta proposição) a partir de uma condição fisiológica/biológica que é maternidade/procriação em potencial?

Michael O'Rourke afirma que é possível fazer intervenções queer sobre o passado e também escrever “estudos medievais estranhos” ou “esquisitos”. Ele afirma que o trabalho queer não precisa ser subsumido sob as rubricas de Gênero e sexualidade, e pode ser traçado com outras linhas de investigação, tais como estudos de deficiência, estudos pós-coloniais, estudos de classe e etc.<sup>60</sup>

Ainda, segundo o mesmo autor,<sup>61</sup> poucas são as pessoas que têm refletido sobre o corpo de Cristo e a “homodevoção” que tanto inspira homens e mulheres medievais, o que poderia nos levar à excitantes novas direções. Para ele, milhares de textos medievais estão esperando por nossas estranhas interpretações. Precisamos urgentemente de uma História de amor, amizade e intimidade entre homens e entre mulheres na Idade Média. Ao adotar processos não-progressivos e não-finalizantes do tornar-se, podemos criar Histórias estranhas e heterocríticas que levarão a linhas de voo que desafiam as fronteiras do que foi, do que é e do que (provavelmente) será.

---

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem.

Também refletindo sobre o “medievalismo queer”, a historiadora Sarah Salih,<sup>62</sup> afirma que o estudo da Idade Média ainda tem que negociar com a percepção, mantida por muito poucos/as medievalistas, acabar com a ideia de que o período é inocente, um tempo antes da individualidade, subjetividade, sexualidade, em que a teoria de qualquer tipo é uma rude imposição. Na medida em que a Teoria Queer é uma teoria da cultura e da História, exige ser testada em todos os períodos históricos para que as formações de sexualidade possam ser examinadas em toda a sua especificidade histórica. Em suma, o “medievalismo queer” oferece uma nova percepção do período aos medievalistas e uma maior densidade histórica aos teóricos/as e historiadores/as queer.

## 6. CONCLUSÃO

Repetindo o que sempre se tem dito: ainda há muito que ser percorrido nos estudos realizados no campo da História Medieval no Brasil.

Sobre a inserção do Gênero como categoria de análise histórica nos estudos sobre o medieval, o uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico do Gênero nos trabalhos de Idade Média, é um dos problemas a serem combatidos em nosso país.<sup>63</sup>

A partir das análises das dissertações por nós levantadas verificou-se que todas elas estão concentradas na região sudeste do país, especificamente, no Rio de Janeiro. No nordeste brasileiro são escassos e até mesmo ausentes trabalhos, no campo do medievalismo, que utilizam a categoria Gênero como análise histórica. Já os que foram por nós estudados são ancorados no tão utilizado conceito de Gênero da historiadora norte-americana Joan Scott.

Como bem salientou Fernando José Benetti,<sup>64</sup> a emergência de um saber ou campo de conhecimento não se restringe somente às publicações dos autores, como este trabalho se propôs a fazer. A emergência de um saber está entrelaçada em jogos de poder, em disputas, em ditos e não ditos, que devem ser percebidos pelo pesquisador que se propõe a escrever e analisar a abertura de uma nova porta no conhecimento e na

<sup>62</sup> SALIH, Sarah. A Response: Queer Medievalism: Why and Whither? *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*, v. 36, n. 01, p. 31, setembro 2003. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/10>

<sup>63</sup> SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

<sup>64</sup> BENETTI, Fernando José. Historiografando a Abjeção: Uma Arqueografia dos Estudos Queer no Brasil (1990-2000). **Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades** (Online), v. 11, p. 1, 2014.

pesquisa, a nível nacional. Historiografar um saber científico não é tarefa fácil e o que se fez aqui foi dar o primeiro passo de vários que podem ser dados para compreender como está se desenvolvendo, no campo do medievalismo brasileiro, os estudos de Gênero. O objetivo deste trabalho é abrir uma nova trincheira, que poderá ser desenvolvida e aprofundada por pesquisadores no futuro. Ele está aberto e passível à desconstrução.

O que fizemos foi apontar um novo caminho para se pensar o medievo. Por que não apostar no queer para tal empreitada? “Abrir-se a novidade, de todo modo, não é sempre uma excelente postura”?<sup>65</sup> Combinar teóricos/as (ou não) pode perfeitamente abrir espaço para novas “visões de mundo”. É adequado considerar uma nova utilização de conceitos já existentes para produzir algo novo.

O mais importante é termos sempre em mente que História é um processo de rupturas, permanências, construções e desconstruções, logo, são múltiplos os seus olhares, o que significa que, jamais, teremos uma perspectiva única, melhor ou pior que outras. E como afirma o historiador francês Marc Bloch, a História é busca, portanto, escolha. Ela deve ser ampla, profunda, longa, aberta e comparativa.<sup>66</sup>

“A história é um discurso escrito tão passível de desconstrução quanto qualquer outro”, tendo em vista que esse discurso como construção/desconstrução de posições políticas pode ser usado em função das mais diversas finalidades. Em nossa prática histórica contemporânea, temos a possibilidade de recriarmos outras leituras do passado a partir de novas narrativas, outras construções discursivo-historiográficas, nas quais “tantos grupos e pessoas quanto possível poderão produzir suas próprias histórias, de modo que eles sejam capazes de fazer-se ouvir (produzir efeitos reais) no mundo”.<sup>67</sup>

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo de *Decamerão* e do *De mulieribus Claris* de Boccaccio (Florença- século XIV)**. Niterói, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do *Poema de Mio Cid* e da *Vida de Santo Domingo de Silos***. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em História

<sup>65</sup> BARROS, Op. Cit., p. 229.

<sup>66</sup>BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>67</sup> JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margaret Rago. São Paulo, Contexto, 2001. p. 102-104.



Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

AURELL, Jaume. El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos. **HISPANIA. Revista Española de Historia**, vol. LXVI, n. 224, p. 809-832, septiembre-diciembre 2006. Para este trabalho utilizamos a versão traduzida para o português, publicada pela Revista Roda da fortuna: AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna**, vol. 04, n. 02. p. 184-208, 2015.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: [www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf](http://www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. **“Sore ich me ofdredeheowolde Horn misrede”:** Um estudo comparativo da sexualidade feminina no *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. Questões respondidas a Cassiano Celestino de Jesus em entrevista realizada por e-mail, dia 21/04/2017.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FORTES, Carolina Coelho. **Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. É Possível Uma História Medieval de Gênero? Considerações a Respeito da Aplicação do Conceito Gênero em História Medieval. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 07., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ufsc, 2006. p. 01 - 07.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001. p. 102-104.

LIMA, Marcelo Pereira. Gênero, Poder e Cultura Jurídica: um ensaio historiográfico. Rio Grande, **Biblos**, Rio Grande, n. 21, p. 133-153, 2007.

\_\_\_\_\_. Fazendo Gênero na Medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. **Veredas da História**, v. 9, n. 2, p. 136-146, dez, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. **Cult**. São Paulo, ed. 185, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

\_\_\_\_\_. **Educação e Saúde: aprendizados**. São Paulo: SESC, 2015. (Palestra).

LUGARINHO, M. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, vol. 1, n. 2, p. 33-40, 2001.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 08-25, 2014.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, URGS, n. 2, 2009, p. 150-182.

\_\_\_\_\_. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 01-25, maio/out, 2014.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v.1, n.1, mai-out 2014, p. 68-91. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Queer. v. 2, 2014, p. 26-45.

O'ROURKE, Michael. Becoming (Queer) Medieval: Queer Methodologies in Medieval Studies: Where are We Now? **Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality**, v. 36, n. 01, p. 09-14, setembro 2003. Traduções nossas. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/6>

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALIH, Sarah. A Response: Queer Medievalism: Why and Whither? *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*, v. 36, n. 01, p. 31, setembro 2003. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/10>

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: \_\_\_\_\_. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. **Cronos: Revista de História**, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o gênero e o monacato hispânico medieval. **Opsis**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 141-164 - jul-dez 2010.

\_\_\_\_\_. A Península Ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.2, p.81, maio 2012.

\_\_\_\_\_. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 01, 2013.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves e. “*wîp unde man ze rehte prüeven*”. **A construção do feminino e do masculino em Parzival de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EdUSP, 2001.